



AS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS NO NORTE DA ÁFRICA E O VAZAMENTO DE INFORMAÇÕES PELO SITE WIKILEAKS SÃO FATOS QUE TRADUZEM A ERA DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E SINALIZAM NOVOS TEMPOS PARA AS RELAÇÕES SOCIAIS E A ORGANIZAÇÃO DO ESTADO.



NOVOS TEMPOS As manifestações sociais no norte da África e o vazamento de informações pelo site *WikiLeaks* são fatos que traduzem a era da tecnologia da informação e sinalizam novos tempos para as relações sociais e a organização do Estado. Esses dois episódios revelaram a vulnerabilidade das corporações empresariais, governos de um modo geral, entidades não governamentais e cidadãos comuns frente ao fenômeno da internet e suas redes sociais. Entre as diversas análises sobre a questão, chamou minha atenção um artigo do físico Marcelo Gleiser, publicado na Folha de S. Paulo. Nele, Gleiser lembra que, hoje, jovens do mundo inteiro, de Bali à Rússia, do Quênia à Jordânia, trocam informações e criam alianças usando meios totalmente novos: "(...) uma mensagem de texto tem precedência sobre um telefonema; uma mensagem no Twitter resume uma atividade ou um grito de ação comunitária; uma página no Facebook define valores sociais, laços de família, grupos religiosos, esportivos, políticos, unindo pessoas, ganhando estatura mítica".

REDEFININDO O POSSÍVEL Marcelo Gleiser diz ainda que ninguém poderia ter previsto que a invenção do Eniac, o primeiro computador eletrônico, de 1946, levaria ao PC, à internet, ao Facebook. Ele afirma que uma idéia, quando toma corpo, se espalha de forma imprevisível, "redefinindo o possível". Na mesma linha de raciocínio, o jornalista Gilberto Dimenstein escreveu que as novas tecnologias estão produzindo uma nova geração de jovens informados e conectados que conseguem se mobilizar sem depender tanto dos meios tradicionais de comunicação. Segundo Dimenstein, "(...) aplicativos que não custam quase nada ou, em certos casos, nada mesmo, já permitem que sejam editados em poucos minutos no celular, durante o calor dos acontecimentos, programas de rádio (podddio audio editing) ou televisão (first video)".

UM UNIVERSO DE APLICATIVOS Entre os diversos aplicativos disponíveis para facilitar a circulação de informação está o *voice base*, que coloca no papel, em tempo real, o que foi gravado no celular. Com esta ferramenta, a entrevista degravada pode ir direto para o Facebook e o Twitter. Além disso, tem também o *vlingo*, que, através da nossa voz, aciona dispositivos no celular que apresentam os endereços e as direções desejadas. Para Gilberto Dimenstein, existem hoje mecanismos para checar informações que podem aguçar o poder crítico do indivíduo e ajudar no trabalho de apuração dos jornalistas: "(...) Sites permitem fazer facilmente extraordinários cruzamentos. Enquanto se acompanha uma votação parlamentar ou uma proposta apresentada por um governante, é possível ver na tela do computador os mais diferentes tipos de ligações e de interesse de cada político, quais são seus negócios, quem dá dinheiro para sua campanha, com quem tem obras e contratos – e até viagens ou presentes que ganha, inclusive de nações estrangeiras".

ESTES DOIS EPISÓDIOS REVELARAM A VULNERABILIDADE DAS CORPORAÇÕES EMPRESARIAIS, GOVERNOS DE UM MODO GERAL, ENTIDADES NÃO GOVERNAMENTAIS E CIDADÃOS COMUNS FRENTE AO FENÔMENO DA INTERNET E SUAS REDES SOCIAIS.



O EXCESSO DE INFORMAÇÃO VAI EXIGIR MUITA GENTE TREINADA PARA DISTINGUIR O QUE É ESSENCIAL E O QUE É SUPÉRFLUO.



O DEBATE POLÍTICO SERÁ MUITO MAIS ABERTO E OS GOVERNOS DEVERÃO SER MAIS DEMOCRÁTICOS E TRANSPARENTES, QUE O DIGAM AS REBELIÕES NA TUNÍSIA, EGITO E LÍBIA.



RELAÇÕES INTERNACIONAIS A revista *Política Externa*, em sua edição de março/maio de 2011, também trouxe na sua capa uma chamada sobre as transformações nas relações diplomáticas e no jornalismo depois do episódio *WikiLeaks*. Entre os articulistas convidados estão nomes de peso, como o ex-chanceler Celso Lafer, o professor da FGV, Matias Spektor, e os jornalistas Pedro Luiz Rodrigues e William Waack. Para Celso Lafer, "(...) o fenômeno *WikiLeaks* é um precedente que, facilitado pela Revolução Digital, propiciou um tipo de risco que precariza a plenitude da atividade de informar, negociar e representar da função diplomática (...) nem os seres humanos na sua individualidade singular, nem a atividade diplomática institucionalizada suportam com facilidade a instantaneidade diária das luzes da plena transparência".

POTENCIAL Na visão do professor de relações Internacionais da FGV, Matias Spektor, o episódio *WikiLeaks* tem duas medidas: "(...) De um lado, ele violou a lei e minou as bases da diplomacia norte-americana, mas, de outro, tem o potencial para alargar o debate público, mobilizar novas redes políticas, promover formas de governo mais democráticas e transparentes e globalizar a sociedade civil". Para o jornalista Pedro Luiz Rodrigues, os "(...) Estados democráticos não encontrarão em suas respectivas opiniões públicas internas uma posição impeditiva da definição de novas regras do jogo para a questão da transparência. Nesses países, avanços poderão ocorrer como legislações mais flexíveis para liberar material confidencial, ou mais rígidas para casos extremos de sua violação. Já no âmbito internacional, o estabelecimento de regras de conduta será muito mais difícil".

TRANSPARÊNCIA O jornalista William Waack entende que a relação entre a fonte e o profissional de comunicação continua a mesma: "(...) a qualidade da análise e da interpretação depende muito mais da capacidade de ligar pontos e de um forte quadro de referências do que de segredinhos que um dia possam vir a público. E, finalmente, admitir os fatos não necessariamente muda alguma coisa. Diplomacia e jornalismo não mudarão depois do *WikiLeaks*. Por outro lado, é ingenuidade acreditar que governos devem desempenhar suas atividades sob total transparência".

ESSENCIAL X SUPÉRFLUO Assim como na vida, os prós e os contras da chamada revolução tecnológica vão dar muito pano para a manga. Mas algumas coisas podem ser vistas como certas. O excesso de informação vai exigir muita gente treinada para distinguir o que é essencial e o que é supérfluo. Além disso, o debate político será muito mais aberto e os governos deverão ser mais democráticos e transparentes, que o digam as rebeliões na Tunísia, Egito e Líbia.